



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

POLLIANA DA PENHA SILVA GALDINO

DA MENINA À MULHER: O PROCESSO DE AFIRMAÇÃO RACIAL NA
OBRA *A COR DA TERNURA*, DE GENI GUIMARÃES

João Pessoa

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G149m Galdino, Polliana da Penha Silva.

Da menina à mulher: o processo de afirmação racial na obra "A cor da ternura", de Geni Guimarães. / Polliana da Penha Silva Galdino. - João Pessoa, 2020.
48 f.

Orientação: Franciane Conceição da Silva.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura Afro-brasileira. 2. Representatividade.
3. Identidade Negra. I. Silva, Franciane Conceição da.
II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82(6+81)

POLLIANA DA PENHA SILVA GALDINO

**DA MENINA À MULHER: O PROCESSO DE AFIRMAÇÃO RACIAL NA OBRA "A
COR DA TERNURA", DE GENI GUIMARÃES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para obtenção da Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva

João Pessoa
Novembro/ 2020

*Mulher, cuidando da fala, misturando
palavras, pronúncias suburbanas aos mil
modos de sinônimos rolantes no tagarelar
social requintado.
Mulher, jogando cintura, diante das coações
e preconceitos.
Mulher, contudo e apesar, a um passo do
tesouro: o cartucho de papel.”.
Geni Guimarães*

*Dedico este trabalho a todos que direta ou
indiretamente contribuíram para a minha
formação.*

AGRADECIMENTOS

Venho pensando nestes agradecimentos desde o momento que comecei o processo de escrita do meu trabalho de conclusão de curso. Já apaguei umas cinco veze, sem saber a quem agradecer e não querendo esquecer ninguém. Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por me dar as forças necessárias para concluir esse curso.

Agradeço aos meus pais (de sangue e consideração), pois sem eles não teria chegado aonde cheguei. Não tem sido fácil lidar comigo nestes momentos, são muitos “surto leves e ténis” para aguentar, porém estão sempre comigo, até nos momentos de loucuras. Amo-os de todo o coração.

Agradeço aos meus amigos, pois o seu amor e incentivo são os melhores do mundo, vocês estavam comigo nos meus piores momentos e não me deixaram enlouquecer, quando eu falava “não aguento mais” vocês estavam lá para me levantar, por isso sou imensamente grata, obrigada.

Agradeço de todo o coração pela minha Morg, que com as nossas loucuras e nosso jeito meio sem noção de fazer as coisas, nos tornamos as melhores amigas que a universidade juntou.

Maria Luiza, a minha parceira de tudo, RU, de estudos, de turma, de enfrentamento dos transportes públicos, de ouvir minhas histórias, obrigada por me abandonar e ir morar em Santa Catarina, você faz tanta falta, mas sei que você está feliz no seu local, você foi um dos melhores presentes que a universidade me deu.

Obrigada Lelos, por me acolher em seu coração e em seus estudos, agradeço por ser minha amiga e me ajudar a passar em Morfologia, saiba que se passei nessa disciplina foi por sua ajuda e a de Lucas, vocês sempre sendo anjos em minha vida.

Carlos, Manuela e Gabriel, vocês foram uns dos que mais me incentivaram a concluir esse trabalho, ajudando com o apoio de vocês e com a atenção que vocês sempre me deram, peço desculpas por estar tão afastada de vocês durante esse momento, é só a loucura de escrever um trabalho que vai decidir a sua vida acadêmica. Vocês são ótimos.

Priscila Maria (mais conhecida como Mãe Pão) obrigada por ser a melhor pessoa que Deus colocou em minha vida, você é como uma mãe para mim, acolhendo-me em seu coração como uma filha, ajudando-me a montar minhas apresentações e a não surtar com as pessoas, você é a melhor pessoa que eu poderia ter.

Andréa e Seu Tonho, eu não sei nem como agradecer a vocês dois pelo que fizeram e fazem por mim. Obrigada por me ajudarem a concluir esse curso e a ser uma pessoa melhor,

como Andréa sempre fala “os favores que eu devo a vocês, eu ralada, não pago”. Vocês são parte da minha família, por isso agradeço.

Não poderia deixar de agradecer a duas pessoas que entraram na minha vida de forma tão tranquilamente que não consigo lembrar como começou esta amizade, porém tonaram-se fundamental para o meu crescimento pessoal e profissional. Gostaria de registrar meus agradecimentos a Danilo e Lilly, pois vocês foram de fundamental importância para a escrita deste trabalho.

Gostaria de agradecer a minha orientadora, e gosto de pensar que se tornou uma amiga, a Prof.^a Dr.^a Franciane Conceição da Silva, por ser uma pessoa tão maravilhosa e me ajudar na descoberta da minha identidade negra, pois sem os seus conhecimento permaneceria com os olhos fechados para muitas coisas à minha volta. O mundo precisa de mais “Francianes”. Obrigada.

Meus agradecimentos a Prof.^a Dr.^a Rinah Souto. Você não sabe o tamanho da minha gratidão por todas as oportunidades que me deu. Muito obrigada por ter me agraciado com a sua presença na minha banca. Fico imensamente feliz em saber que leu o meu trabalho. Agradeço também a Prof.^a Dr.^a Lílían Paula por ter se disponibilizado e ter aceitado tão prontamente o convite para participar da minha banca. Agradeço também ao Prof. Dr. Wellington, obrigado por se disponibilizar a contribuir e participar da avaliação deste trabalho.

Lucas Leite Borba, eu não sei como te agradecer. Você é a pessoa que eu mais preciso agradecer e não tenho palavras para expressar o quanto sou grata por tudo que você fez por mim durante esses três anos que nos conhecemos. Passamos por tantas coisas que se escrevermos em um livro irão faltar páginas. Com você vivenciei as piores loucuras, porém as mais incríveis. Momentos tão memoráveis que vou levar sempre comigo. Obrigado por não me deixar desistir da vida, do curso, deste trabalho. Obrigado por nunca abandonar o barco, chutar o balde e ir morar na mata. Você é o melhor presente que a universidade me deu. Te amo mil milhões.

Para finalizar, gostaria de agradecer a você, caro/a leitor/a, pois foi com o pensamento nas pessoas que iriam ler que me dediquei de todo o coração a esse trabalho. Espero que a leitura seja prazerosa e que esse trabalho te ajude no seu processo de descobrimento.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de formação da identidade negra apresentada no livro de Literatura Afro-brasileira **A cor da ternura** (1998), da escritora afro-brasileira Geni Guimarães. Pretendemos compreender a importância da representatividade nas literaturas, principalmente, para crianças negras e das classes menos favorecidas. Nesse contexto, acreditamos que o ensino de literatura deve partir, em um primeiro momento, de obras que encenam realidades próximas daquelas vivenciadas pelos estudantes. A partir disso, buscamos compreender como o ensino de literatura, na perspectiva da representatividade negra, contribui para a formação integral dos discentes. Como aporte teórico da nossa pesquisa, iremos nos embasar nos(as) seguintes autores(as): Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), bell hooks (2013), Neuza Santos Souza (2019), Mirian Cristina dos Santos (2018), Fernanda Miranda (2019), dentre outros (as). Desse modo, metodologicamente, o trabalho se pauta em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, no qual analisaremos obras da crítica literária, obras de teóricos (as) que contribuem para o ensino de literatura, além de estudos que buscam compreender o processo de afirmação da identidade negra. cremos que os resultados obtidos durante a pesquisa confirmarão a nossa perspectiva de que o ensino de literatura contribui diretamente para a formação do senso crítico, cidadão, humanizador, bem como para a aceitação da identidade étnico-racial de crianças negras.

Palavras-chaves: Literatura Afro-brasileira; Representatividade; Identidade negra.

ABSTRACT

This work aims to further analyze the process of the formation of the black identity presented in the book for afro-Brazilian literature *A cor da ternura* (1998), from the afro-brazilian writer Geni Guimarães. We intend to understand the importance of representativeness on the literatures, mainly, for black children and for the least-favored classes. In this context, we believe that the literary teaching should come from, in a first moment, from texts that reflect realities close to the ones lived by the students. From this, it is objected to understand how the teaching of literature, by a black representativeness bias, contributes to the integral formation of the students. As theoretical support of our research, we will utilize the following authors: National Curricular Guidelines to the ethnic-racial Education and Afro-Brazilian and African History and Culture Education, bell hooks (2013), Neuza Santos Souza (2019), Mirian Cristina dos Santos (2018), Fernanda Miranda (2019) and others. In this way, methodologically, the work, based in a bibliographical research, is qualitative, and it'll be analyzed texts of literary criticism, texts from theoreticians that contribute to the teaching of literature, besides the studies that aim to understand the process of affirmation of black identity. We believe that the results found during the research will reassure our perspective that the teaching of literature contributes directly to the formation of critical sense, citizen, humanization, as well as the ethnic-racial acceptance of black children.

Key-words: Afro-Brazilian literature; Representativeness; Black identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: LITERATURA NEGRA.....	13
1.1 A literatura apresentada na Base Nacional Comum Curricular, Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais para as relações étnico-raciais.....	14
1.2 A literatura negra feminina.....	18
1.3 Geni Guimarães e <i>A cor da ternura</i>	22
CAPÍTULO 2: DA CASA À ESCOLA: A PROTEÇÃO DA FAMÍLIA E A VIOLÊNCIA DO RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	25
2.1 Relações étnico-raciais no espaço familiar.....	26
2.2 Racismo na escola: a violência institucionalizada.....	29
2.3 <i>A cor da ternura</i> e a violência racista no espaço público.....	31
CAPÍTULO 3: METAMORFOSE.....	34
3.1 A dor de ser aquilo que se é.....	35
3.2 O Sangue da transformação.....	39
3.3 A missão da Professora Geni.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

Quando somos crianças, nas leituras que fazemos, buscamos sempre por um personagem que se pareça o máximo conosco, contudo o que acontece quando procuramos e não o encontramos? Durante muito tempo, quando pegávamos uma obra literária sempre que olhávamos para um protagonista, eles estavam apresentados com a mesma estética, brancos/as olhos claros e magras/os. Um padrão marcado para inferiorizar aqueles que não seguiam essa aparência. A presença das personagens na literatura que quebram esses padrões é de grande importância para o processo de aceitação de uma criança, pois ela olha para aquele protagonista e pode enxergar as semelhanças. Isso pode ajudar na construção da identidade da criança negra. O documento “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” apresenta uma reflexão sobre a complexidade de formação da identidade negra no nosso país.

A complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país é marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro(a), se designarem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Porém, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo. (BRASIL, 2004, p.15)

De acordo com a professora e pesquisadora Mariângela Monsores Furtado Capuano (2008), em seu texto *A literatura brasileira na sala de aula*: “desde muito cedo na história da literatura brasileira, a figura do negro foi vítima de um verdadeiro apagamento, pois a pouca referência a sua existência fixou-se apenas na sua condição de cativo” (CAPUANO, 2008, p.1). Isso acontece, pois mesmo fazendo parte da formação do povo brasileiro, por muito tempo as pessoas negras foram tratadas como mercadoria por uma sociedade que se acha branca. Nesse contexto, durante o presente trabalho, na tentativa de encontrar respostas às muitas indagações se fez necessário pensar no papel da literatura como meio de formação política-cidadã, além da sua contribuição no processo de afirmação identitária de crianças e adolescentes negros e negras.

A identidade de uma criança é formada através das referências que lhes são apresentadas. Quando uma criança negra é apresentada, seja de forma oral, seja de forma

escrita, a uma personagem com o qual se identifique fisicamente ou com sua personalidade, existe aí uma representatividade forte.

Os caminhos das personagens negras/os nas literaturas infanto-juvenis, embora importante, ainda não possuem grande visibilidade na sociedade. Quando crianças ainda não possuímos uma identidade e/ou um pensamento formado sobre assuntos tão importantes, com isso, é dever dos adultos acompanhar esse processo de formação político-cidadã, como também está como os deveres das escolas e professores, observar comportamentos que inferiorizem outras crianças.

Analisando como a literatura negra pode ser de papel fundamental para a formação de um pensamento crítico e de um autoconhecimento, procuramos apresentar neste presente trabalho, a personagem-narradora em seu processo de formação, desde a negação da sua identidade negra até o conhecimento do que é ser negro e a sua autoafirmação.

Para que possamos melhor discutir sobre este processo, escolhemos como corpus de análise o romance da escritora afro-brasileira Geni Guimarães *A cor da ternura* (1992), onde a protagonista vai passar por um caminho de re(conhecimento), vivenciando desde a violência do racismo quando ainda criança, o carinho e apoio de sua família, até o entendimento de que é através dela, já professora e adulta, que outras crianças poderão passar pelo processo de afirmação de maneira menos violenta.

Para cumprir com os objetivos dispostos neste trabalho, se fez necessária uma leitura ampla sobre o assunto. É preciso querer transgredir com o que foi colocado para nós durante anos, que embora a população negra esteja liberta, não significa que são livres, nem que a luta acabou. Todos os dias somos confrontados com os resquícios de uma escravidão moderna, onde os negros ainda são vistos como inferiores. Por isso, acreditamos no poder da literatura negra como ferramenta fundamental para a formação de novos heróis.

O primeiro capítulo, dividido em três subtópicos, aborda a literatura negra e os documentos oficiais, como são colocados o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Ainda no primeiro capítulo, traçamos um breve resumo sobre a literatura negra infanto-juvenil e como ela é abordada em sala de aula. Por fim, fazemos a apresentação do livro *A cor da ternura* e de sua autora, a escritora Geni Guimarães.

O segundo capítulo aborda a violência vivida por muitos no âmbito escolar, onde o que era para ser um local de proteção se torna um ambiente de opressão, e como a família contribui para o combate à violência do racismo.

O último capítulo trata sobre a positividade encontrada na família e no processo de autoafirmação, a família como alicerce e o seu processo de metamorfose para se autodeclarar

negra. Em ambos os capítulos, as análises têm como foco o estudo do texto literário *A cor da ternura*.

Por fim, este trabalho busca mostrar os caminhos de uma personagem negra para se tornar uma mulher com pensamentos e ideias críticas sobre sua vida e a afirmação de que em uma sociedade de privilegiados, é possível fazer a diferença. Trabalho duro, porém, extremamente necessário.

CAPÍTULO I

LITERATURA NEGRA

CAPÍTULO 1 - LITERATURA NEGRA

Durante meus quatro anos de graduação pude contar nos dedos quantos escritoras/es negras/es foram abordadas em sala. Assim como, também podemos contar quantos professoras/es negras/es passaram por esse curso. O meu processo de formação profissional possuiu uma grave falha com relação ao estudo de escritoras/es negras/os. Somente na disciplina de Estágio Supervisionado III que tive um maior contato com escritores negros. Embora falássemos sobre Machado de Assis, o escritor nunca foi abordado como parte de uma literatura afro-brasileira.

Dentro da disciplina de Literatura infanto-juvenil, tive um pequeno contato com um livro infantil em que a protagonista era negra, porém mais uma vez, o tema da negritude não foi aprofundado. É necessário que revemos os autores trabalhados na graduação, pois como somos formados para sermos futuros professores, precisamos de uma boa base para que quando chegarmos em sala de aula, um local aonde vamos nos deparar com pessoas multirraciais, podemos falar sobre assuntos que contemplem a todos e que eles possam sempre se verem representados na literatura.

1.1 A literatura apresentada na Base Nacional Comum Curricular, Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais para as relações étnico-raciais

Com a implementação da Lei 10.639/03 tornou-se obrigatório estudar a história e cultura da África e dos afro-brasileiros em todas as instituições de ensino públicas e privadas. A proposta apresentada pela Lei é que as escolas incluíssem a discussão dessa temática no seu currículo anual, não devendo tratar a discussão como uma atividade isolada, realizada apenas no mês de novembro. Discussão trazida, muitas vezes, de forma equivocada, reproduzindo estereótipos a respeito da população negra, de cultura tão rica e multifacetada e de uma grande produção intelectual nos mais variados campos do saber. O que se observou ao longo desses quase 20 anos de implantação da Lei 10.639/03 foi que, mesmo amparada por vários documentos oficiais que falam da importância da Lei e da necessidade de sua aplicação, na maioria dos casos, a Lei não saiu do papel, sendo desconhecida, ainda nos dias atuais, por grande parte dos educadores.

Nesse sentido, como o nosso estudo se propõe a analisar um romance da Literatura Negra Brasileira, uma obra de grande relevância no processo de afirmação identitária de

pessoas negras, especialmente, adolescentes e jovens, antes de iniciarmos a discussão sobre *A cor da ternura* (1992), obra que é objeto de análise do nosso estudo, escrita pela autora Geni Guimarães, um dos nomes mais importantes da Literatura Negra Contemporânea, faremos uma breve análise de como os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular, os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais para as relações étnico-raciais tem abordado o ensino de Literatura, especialmente a Literatura Negra.

Embora a BNCC, na competência três, aborde que se faz necessário “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2017, p.9). O documento peca em não especificar de que modo isso poderia ser feito, assim como, também muito pouco se é falado sobre o uso da literatura afro-brasileira “a inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana” (BRASIL, 2017, p.500).

Trabalhar com Literatura Negra em qualquer turma do ensino básico ou até mesmo do ensino superior, ainda é “pisar em um campo minado”, pois para muitos professores/as, é mais seguro se trabalhar o cânone da literatura brasileiro, do que transgredir as barreiras de uma educação voltada para os privilegiados.

A partir do momento em que um/a professor/a decide trazer uma literatura escrita por autores/as negros/as para a sua sala de aula, esse/a docente transgrede barreiras impostas secularmente, apresentado aos estudantes uma nova forma de literatura, um novo modo de construir histórias. Uma literatura que apresenta personagens negros numa perspectiva positivada. Personagens negros que aparecem como protagonistas e não meros coadjuvantes. Personagens que, muitas vezes, tem um fenótipo e uma trajetória semelhante ao dos/das estudantes. Personagens que servem de referência e inspiração. Personagens que podem contribuir, de maneira significativa, para o processo de afirmação identitária de estudantes negros/as.

Ainda na análise da BNCC, podemos ver que existe uma separação quando o documento fala sobre o cânone da Literatura Brasileira e quando menciona a Literatura Afro-brasileira. O documento deixa bem evidente que os textos de autoria negra brasileira não estão inseridos no quadro do que é considerado literatura canônica. Podemos comprovar a nossa afirmação com um trecho da BNCC que destacamos abaixo:

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais. Essa tradição, em geral, é constituída por textos clássicos, que se perfilaram como canônicos – obras que, em sua trajetória até a recepção contemporânea, mantiveram-se reiteradamente legitimadas como elemento expressivo de suas épocas. (BRASIL, 2017, p.513).

Segundo a pesquisadora Fernanda Miranda, em sua obra *Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras* (2019) ainda atualmente, os textos de autorias negras “estão longe de serem assumidas em suas potencialidades estéticas, epistemológicas e discursivas pela crítica literária brasileira” (MIRANDA, 2019, p.16). Essa afirmação leva a reflexão de que mesmo tendo alcançado um espaço importante dentro e fora do espaço acadêmico, a produção literária de escritoras/es negras/os ainda é vista de maneira enviesada, sendo considerada por muitos como uma produção de qualidade inferior em relação ao cânone brasileiro. Acreditamos que essa negação da qualidade estética da Literatura Negra se deve ao fato dela ferir diretamente com os princípios impostos pela branquitude, princípios estes que historicamente colocaram as pessoas negras no espaço da não-intelectualidade, como se fôssemos incapazes de produzir conhecimento, escrever ficção, como se não pudéssemos produzir conteúdos importantes para a formação da cultura brasileira. Essa incapacidade de a intelectualidade branca reconhecer a potencialidade dos/das escritores e intelectuais negros/as pode ser exemplificada quando analisamos o caso do escritor Machado de Assis. Como sabemos, a negritude de Machado de Assis foi negada durante muitos anos. Aparentemente, algumas pessoas brancas tinham, e ainda têm, dificuldade de aceitar que alguém com a capacidade de Machado de Assis pudesse ser negro. Ao longo dos anos, Machado passou por um processo de embranquecimento. De acordo com Fernanda Miranda:

Machado de Assis é um escritor cuja complexidade tem sido historicamente lida a partir de variadas perspectivas. O autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* já foi lido como *branco* (por não trazer “problemas do negro para o seu foco textual, e por viver no mundo da elite); como *mulato* (na chave das leituras fisiológicas que buscam na sua origem racial miscigenada a explicação para seus resultados como romancista; e também, na leitura que defende o seu embranquecimento, expresso no universo que seu mundo ficcional privilegia); e como *negro* (por construir em sua obra uma fina analítica do poder e da casa grande, posto que em seus romances a classe senhorial é o alvo da ironia e seus barões são todos arruinado). (MIRANDA, 2019, p. 25)

A não aceitação de que um negro pode ter ocupado um papel de tamanha importância é apresentada de tal maneira, que muitos dos estudantes, quando passam pelo Ensino Básico,

desconhecem a colocação racial de Machado de Assis, pois como pode um negro ser o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras? E isso vem sendo perpetuado até os dias atuais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), em seu volume para o Ensino Fundamental, coloca como um dos objetivos gerais para o ensino o dever das escolas com relação à diversidade existente nas salas de aula, seja ela de cultura, de sexo ou etnia. Na perspectiva dos PCN's, educar para o respeito às diferenças é um dos papéis principais das instituições escolares. De acordo com o referido documento, os estudantes do Ensino Fundamental devem ser educados para

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 2001, p.7).

Concordamos com os PCN's quanto a exigência de ensinar o respeito às diferenças. No entanto, acreditamos que essa ação é colocada de maneira muito genérica. O documento deixa uma lacuna a ser preenchida, pois falar que precisa ensinar o respeito e a ação de respeitar são questões distintas. Infelizmente, uma coisa não está necessariamente associada a outra. O documento precisa ser mais enfático no sentido indicar estratégias efetivas ao enfrentamento à violência do racismo e o preconceito em sala.

Quando observamos o modo como os PCN's abordam o ensino de literatura, percebemos a preocupação em se formar um novo público leitor. Os textos que o/a docente levará para a sala de aula pode ter um papel fundamental para a formação literária dos estudantes. Por isso, essa seleção deve ser feita com muito cuidado. Ao falar sobre o processo de formação de leitores, o documento assim se manifesta:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no mundo em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. (BRASIL, 2001, p.36).

A formação desses novos leitores vai partir do que estamos levando para as salas de aulas, que tipos de textos estamos abordando. A literatura abordada em sala, segundo os PCN's, não é uma cópia real da vida, porém não significa que não exista essa interação, a relação do texto ficcional com a realidade acontece de forma indireta. A literatura é um

exercício da imaginação, no qual, fazemos uma transfiguração da realidade. Com isso, podemos trazer como exemplo, a importância de ressaltar a produção literária de mulheres negras, que retratam traços da realidade, porém nem tudo o que foi colocado no papel significa que foi vivido de forma literal, mesmo quando chamamos de escrivência. Se pensarmos que tudo o que está no texto literário foi vivido pelas escritoras, estamos subestimando a capacidade dessas mulheres de produzirem imaginários e criar ficções.

No que tange ao ensino de cultura afro-brasileira na sala de aula, um ano após a criação da lei 10.639/03, foi apresentada as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana com o intuito de colocar em práticas ações afirmativas. Este documento vai tratar exclusivamente de como abordar a temática da cultura e história da África e dos afrodescendentes, porém, o documento é voltado para a educação em geral, não especificando como abordar a Literatura Negra em sala de aula.

A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004, p. 10).

Mesmo que não seja um documento específico na indicação de práticas pedagógicas para o trabalho com a Literatura Negra, não podemos deixar de reconhecer a importância da criação das Diretrizes para a educação étnico-racial. Esse documento é um importante aliado à Lei 10.639/03 e, assim como o texto da lei, reconhece a importância da valorização da história, cultura e literatura afro-brasileira e africana para promover o encontro dos estudantes com as suas origens, a sua ancestralidade e para o processo de criação de estratégia pedagógicas antirracistas. O reconhecimento do papel da população negra para a formação do Brasil, nas mais diversas áreas, é de alguma forma, reconhecida pela Lei 10.639/03 e pelas Diretrizes, fato que deve ser valorizado.

1.2 A literatura negra feminina

Formar um indivíduo que acredite na sua potência enquanto intelectual não é uma tarefa das mais fáceis. E quando nos referimos a mulheres negras, esse processo é ainda mais

complexo. Segundo bell hooks (1995), teórica, professora e escritora estadunidense, a desvalorização desta formação faz com que muitos indivíduos, os grupos marginalizados pela sociedade, sintam-se desacreditados da importância de uma formação intelectual. Para as pessoas negras, os motivos para se tornarem um intelectual podem ser dos mais variados, porém um dos que mais chamam a nossa atenção é que, muitas vezes, estes/as futuros intelectuais são impulsionados por uma pessoa da sua rede afetiva, podendo familiares, amigos, professores, colega de escola, etc. Normalmente, as potencialidades desses indivíduos são enxergadas por essas pessoas de sua rede de afeto ou da comunidade, antes mesmo delas/es enxergarem.

Nesse contexto, quando nos referimos ao reconhecimento de mulheres negras enquanto intelectuais e escritoras, a situação ainda é muito complexa e delicada. Por força do racismo e de tantas violências históricas, as mulheres negras que produzem literatura ainda são questionadas constantemente a respeito do que escrevem. Ainda é comum o discurso de que elas não escrevem literatura ou não produzem uma boa literatura. Com isso Maria Narazeth Soares Fonseca traz em seu texto *Literatura negra: os sentidos e as ramificações* (2014) como autoras negras fazem uso do seu eu-mulher contra as visões de mundo tanto racistas quanto sexistas.

Várias escritoras – dentre as quais Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo – trazem para seus textos um eu-mulher enunciativo de visões de mundo que desestabilizam tanto o racismo quanto o sexismo. A assunção do eu-mulher que fala nos poemas dá à produção literária de muitas mulheres negras uma dimensão que ultrapassa a questão epidérmica. (FONSECA, 2020, p.16)

Durante muito tempo, a população negra brasileira sofre um duro processo de apagamento da sua história, e quando falamos da literatura de autoria feminina negra, fica ainda mais tangível essa invisibilidade. A escritora afro-brasileira Maria Firmina dos Reis foi apagada durante décadas. Primeira escritora de um romance abolicionista, fundamental para a nossa literatura, Firmina publicou em 1859 o romance *Úrsula*, que durante muito tempo passou despercebido da crítica literária, porém, como afirma a pesquisadora Fernanda Miranda, “Maria Firmina dos Reis, em outra ótica, é uma autora que permaneceu apagada por mais de um século, mas que tem sido resgatada no tempo contemporâneo de forma proeminente” (MIRANDA, 2019, p.25).

O resgate de autores negros que outrora tinham sido apagados da história vem crescendo cada vez mais com a reivindicação do Movimento Negro e de muitos/as

pesquisadores/as e acadêmicos/as que tem assumido o compromisso ético e político de trazer a tona essas narrativas antes invisibilizadas e criar espaços para que essas vozes sejam ouvidas.

Conforme Oswaldo de Camargo (1987), a pouca produção literária das pessoas negras se dá pela falta do tempo para se dedicar às suas pesquisas e reflexões. Segundo o autor, estes fatores contribuíram para a pouca produção literária negra. Contudo a intelectual negra Fernanda Miranda (2019) defende que “o apagamento da voz negra é sistêmico, histórico e concreto” (MIRANDA, 2019, p.28). Ou seja, nunca foi a falta de tempo para a escrita e sim, a sociedade racista que impõe barreiras para essas pessoas escreverem e publicarem suas obras. Isso ocorre, pois o discurso de que o espaço literário não é para pessoas negras ainda se perpetua.

A escrita negra feminina vem para dissipar a ideia de como os textos literários canônicos retratam a imagem da mulher negra. Segundo Mirian Alves, em seu texto *A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência* (2010) aborda que “Ser mulher escritora no Brasil é também dispensar a mediação da fala do desejo delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder falocrático” (ALVES, 2010/2011, p.183). De acordo com o que foi mencionado por Mirian Alves, é necessário que a mulher adquira autonomia sobre a sua fala, pois durante séculos o seu papel de fala foi suprimido pelos homens, o processo pela busca por autenticidade, embora longo e cansativo é preciso. Uma busca exaustiva para que essa voz feminina e negra seja proferida e ouvida.

É importante colocarmos que na luta pela igualdade da mulher negra, ela ainda não conseguiu igualar-se nem mesmo com outras mulheres, pois, durante muitos anos, a mulher negra, em relação à branca, foi reproduzida uma lógica escravocrata da relação de senhora-escrava, que se perpetuou mesmo depois da abolição. Nos dias de hoje, podemos observar essa relação como patroa-empregada. Desse modo, para falarmos da produção literária de mulheres negras, precisamos considerar os eixos de raça, gênero e classe. De acordo com a pesquisadora Mirian Cristina dos Santos (2018).

[...] na luta pela igualdade de gênero, a mulher negra ainda não conseguiu se equiparar nem mesmo com outras mulheres, uma vez que as relações senhora-escrava são atualizadas na relação patroa-empregada-doméstica. Nesse sentido, quem reivindicaria a alteridade do ser mulher? Abre-se, assim, uma possibilidade de discutir e problematizar as diferenças dentro da categoria “mulher”, na perspectiva dos estudos feministas (SANTOS, 2018, p.17).

Trabalhar a literatura negra feminina é pensar que a luta das mulheres contra a discriminação não é só em relação aos homens, mas dentro da própria divisão que existe na categoria “mulher”, pois há uma diferença visível entre a produção literária e intelectual entre escritoras negras e brancas. Mesmo que as mulheres escritoras brancas encontrem resistência para obterem o reconhecimento de sua produção, isso se dá em consequência do machismo; no caso das mulheres negras, a principal barreira para a invisibilidade de suas obras é o racismo. Os marcadores raça, gênero e classe quase sempre estão associados quando pensamos no processo de escrita literária das mulheres negras. Podemos entender melhor essa questão com a reflexão trazida por Conceição Evaristo (2009), professora, escritora e poeta:

Ao se falar da escrita de mulheres negras, necessário se faz voltar ao final da década de 60 para retornar a imagem da escritora Carolina Maria de Jesus. Várias discussões surgiram em torno da escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada por sua condição de mulher negra, favelada e de pouca instrução escolar. [...] a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. (EVARISTO, 2009, p.28).

Quando uma intelectual negra pega uma folha em branco, podemos ter a certeza de que obteremos um texto repleto de significados, que embora seja apresentado como ficção, estarão repletos de significados vivenciados por um grupo silenciado durante anos, e como afirma Conceição Evaristo (2017) “as histórias são inventadas, mesmos as reais, quando são contadas”, no qual, podemos observar aqui o termo colocado também pela autora como “escrevivência”, onde a história conta parte de um coletivo, que embora podemos ter fatos relacionados com a nossa realidade, é no coletivo que ela é firmada.

Para ser uma intelectual negra, em uma sociedade que se autodenomina branca, é necessário ter um pensamento de que sempre vamos sofrer a violência do racismo, de gênero, o preconceito de classe. Vivemos em uma luta constante que começou com os nossos ancestrais, e que embora tenham se passado mais de 100 anos da escravidão, ainda podemos acompanhar os resquícios nos dias de hoje. Quando pegamos uma obra literária em que o protagonista é sempre um homem branco, ou quando o corpo feminino negro é sempre erotizado, sempre exibido de maneira hiper sexualizada, isso nos leva a pensar o quanto que ainda precisamos avançar até alcançarmos um pleno reconhecimento da produção literária de autoria negra, produção esta que procura colocar personagens negros no espaço de protagonismo e, ao mesmo tempo, busca outros modos de representar homens e mulheres negros, representação que foge aos estereótipos propagados pela literatura canônica.

Precisamos pensar em obras literárias, que abordem desde a literatura infantil, a temática do racismo e da igualdade racial, o romance escrito por Geni Guimarães, *A cor da ternura* (1992) é uma obra belíssima que vai nos levar a um processo de conhecimento da nossa ancestralidade e de identificação com o caminho traçado pela protagonista, uma menina negra de origem humilde. Precisamos de mais obras de escritoras negras e que nos mostre outros heróis (e outras heroínas), obras que possamos olhar para as personagens e dizer: “ela se parece comigo”.

1.3 Geni Guimarães e *A cor da ternura*

A escritora afro-brasileira Geni Guimarães nasceu em uma fazenda no município de São Miguel, chamada Vilas Boas, localizada no interior de São Paulo. Ainda muito nova, mudou-se para outra fazenda, em Barra Bonita, local em que começou a exercer a profissão de professora. Ainda jovem, Guimarães escrevia para os jornais *Debate Regional* e *Jornal da Barra*, publicou diversos contos, crônicas e poesias. Seu primeiro livro, publicado no ano de 1979, *Terceiro filho* é um livro de poemas que fala sobre a sua infância e adolescência. Em 1981, Geni lançou a obra *Da flor o afeto*, também um livro de poemas, porém com uma linguagem mais segura. Ainda no ano de 1981, publicou dois contos na coletânea *Cadernos Negros*. Já em 1988, publicou seu livro de contos intitulado *Leite do Peito*, que um ano depois foi republicado como um romance chamado *A cor da ternura*, livro que ganhou o prêmio Jabuti no ano de 1990 como autorrevelação, e se tornou o objeto de estudo do presente trabalho. Nos dias atuais, Geni Guimarães continua morando na cidade Barra Bonita, recentemente publicou dois livros, *O pênalti* (2019), um livro infantil e *Poemas do regresso* (2020).

O livro *A cor da ternura* (1992) vai retratar a história de uma menina que para advir pelo seu processo de autoafirmação, passou por violências físicas e psicológicas infligidas por aqueles que eram considerados “colegas” e por pessoas que tinham a função de protegê-la. Dentro do seu ciclo de amizades, a protagonista vai percorrer pela violência nas palavras/xingamentos usados em um ambiente social e infantil onde deveria ser apenas uma local para diversão. Já na escola, a professora que deveria ser seu apoio de proteção é a difusora no processo de negação da raça para a personagem.

Antes de começarmos a análise da história de Geni, consideramos importante discutir a respeito de alguns elementos presentes na obra que fazem parte da teoria da narrativa, como personagens, enredo, tempo, espaço e narrador.

Logo nas primeiras linhas do romance, podemos encontrar a presença da narradora, esta narradora se apresenta na primeira pessoa nos dando a impressão de que a história contada são relatos da vida da escritora. Logo na primeira fala da protagonista, podemos verificar que o narrador da obra se trata de um narrador-personagem. Durante todo o desenrolar da história, a cada fala, também podemos encontrar vários atributos da personalidade e de como seria este narrador, pois a escrita é construída com uma riqueza de detalhes, tornando mais fácil para nossa imaginação, identificar e assimilar este narrador. “Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia” (GUIMARÃES, 1992, p.9)

Em seguida, identificamos o espaço onde se passa a história, o espaço apresentado não pode ser colocado com apenas um espaço físico, pois dentro da própria história podemos observar que mentalmente a protagonista faz várias viagens em sua mente, passando até por cidades que deseja profundamente conhecer. Em se tratando de um espaço físico, podemos observar dois locais muito marcantes na história, o primeiro é a casa da narradora, no qual do início ao fim do enredo é um local marcado como sagrado, um ambiente em que ela vai ser protegida de todo o mal que o mundo de fora pode causar. O segundo espaço marcante da narrativa é a escola, um espaço público. É neste espaço que a nossa protagonista vai se sentir mais violada e é nele que se inicia o seu doloroso e violento caminho de negação de si, até conquistar a consciência de sua condição racial e se afirmar de maneira positiva.

O próximo elemento que detectamos no romance é o tempo. Este é colocado de forma cronológica, com os primeiros acontecimentos sendo apresentado ainda na infância da personagem, passando pela sua adolescência e por fim o início da sua vida adulta, sendo marcado por sua primeira aula como professora. Com o recurso do tempo cronológico é possível observar de forma direta o crescimento da personagem e perceber que ela passa por uma metamorfose.

O enredo, penúltimo elemento a ser analisado, é a história contada no romance, dentro deste é possível acrescentamos subtópicos que são, apresentação, desenvolvimento, clímax e o desfecho, e que são encontradas no livro de Geni Guimarães. Podemos considerar como o primeiro contato com a apresentação da história o sumário, pois a cada título dos capítulos é mostrado um momento marcante do enredo, em seguida, o desenvolvimento é visto no desenrolar da história, quando a protagonista passa por várias transformações durante a sua vida, o clímax é apresentado já nas últimas páginas com o reconhecimento da criança que ela é para a mulher que se tornou. Por último, o desfecho, que é marcado nas últimas linhas do livro com um novo despertar da personagem para uma luta que só começava.

Por fim, encerrando os elementos da narrativa ficou as personagens, podendo ser divididos em protagonistas, antagonistas e secundários. Na história analisada, podemos identificar todos os tipos de personagens, a protagonista marcada como A menina Geni, que conta sua história, como antagonista da história não podemos apresentá-lo como o personagem físico, pois em sua história o vilão é o racismo, que é apresentado de todas as formas e em vários locais em que a protagonista encontra-se, como secundários, porém não menos importantes, vamos ter sua família, colegas, diretor, professora da escola que estudou, que contribuíram de forma precisa para a construção da protagonista.

A cor da ternura (1992) conta a história de uma criança que possui uma família simples, porém com muito amor e companheirismo. Durante a sua infância, a menina que é muito apegada a sua mãe, passa por um período de sofrimento, pois deixa de ser a filha caçula se afastando um pouco de sua mãe. Sofrendo com a violência do racismo, ainda jovem, busca em suas feridas uma forma de reconstruir sua identidade racial, tendo como apoio a sua família. Com a formação de sua consciência racial, busca como professora, uma nova forma de educação para que as crianças negras não precisem sofrer com a violência que um dia ela sofreu.

CAPÍTULO 2

DA CASA À ESCOLA: A PROTEÇÃO DA FAMÍLIA E A VIOLÊNCIA DO RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

2.1 Relações étnico-raciais no espaço familiar

Antes de iniciarmos a discussão do deste tópico, é necessário que coloquemos um pequeno comentário sobre o que vai ser abordado. Quando falamos sobre o quão pouco é discutido o racismo dentro do seio familiar estamos colocando que existe uma falha em deixar de forma explícita para a criança que as palavras e atitudes que são faladas/feitas contra ela tem um nome, e isso é o racismo. Então, para evitar que o texto seja interpretado de forma errada, foi preciso uma breve introdução deste capítulo.

Afirmar que nas famílias existe um silêncio que está atrelado ao racismo, não necessariamente aponta para a ocorrência do ato da violência racial no seio familiar. No decorrer da análise do livro *A cor da ternura* (1992) constatamos que a menina Geni vive em um ambiente onde é protegida pelos pais. Porém, mesmo com esse ambiente de proteção dentro de sua família podemos observar que existem discursões sobre o racismo, com tudo, não está colocada de forma direta, mas sim nas sutilezas das falas de seus familiares. Assim, posta essa redoma sob a protagonista, quando ela se depara com os primeiros relatos de racismo, ela não vai buscar reparação, pois não foi apresentada a ela uma nomeação par a violência sofrida não há uma preparação para o mundo, onde o preconceito e a discriminação são realidades latentes.

No primeiro capítulo do livro, intitulado “Primeiras Lembranças”, a protagonista, em uma conversa com sua mãe, faz um ingênuo comentário que toca na questão racial: “-Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?” (GUIMARÃES, 1992, p.10). Essa colocação, inocente, carrega o valor do não reconhecimento da própria identidade, por parte da personagem, já que enxerga a sua própria cor como algo que possa “sair” dela.

Dessa forma, em resposta, a mãe expressa o quanto que é orgulhosa de sua cor “- Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? – Pegou-me e fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: - Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta” (GUIMARÃES, 1992, p.10). No final da fala da mãe, a repetição da frase, serve para afirmar que se algum dia Geni viesse a perder a sua cor, ela se tonaria diferente de sua mãe.

A protagonista reflete sobre o quanto que é importante para ter uma cor igual à da mãe. “- Mentira, sua boba. Vou ficar com essa tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá?”. A afirmação de que não quer trocar a cor de sua pele, neste primeiro momento, terá repercussões ao longo da narrativa, pois, com a

violência do racismo, conseguiremos observar o quanto que pode ser difícil permanecer com um pensamento tão puro.

A partir dessa discussão, entendemos que não há como ocultar o racismo da educação de crianças negras. Ignorar que o racismo existe pode fazer com que a criança negra, mesmo sendo vítima de racismo, não compreenda esse tipo de violência, e, por conseguinte, não vai ter como se defender. Assim, o diálogo na família sobre o racismo se torna fundamental para que a criança aprenda a enfrentar tal violência.

De acordo com Eliane Cavalleiro (2020), em sua obra *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*, a discussão sobre o racismo deve ser trazida pelos pais de crianças negras e brancas. Na concepção da pesquisadora:

A ausência de informação pode representar para a criança branca a ideia de pertencer a um grupo étnico superior, visto que essa ideia é muito difundida pela sociedade de modo implícito e até mesmo explícito.

Por outro lado, para a criança negra o silêncio sobre o preconceito pode levá-la a entender o seu grupo como inferior, ideia que se conforma, automaticamente, à superioridade branca (CAVALLEIRO, 2020, p.86)

A falta de comunicação em casa, além de deixar uma abertura para que a violência racial possa sair impune, pode fazer com que se propague o mito de que existem negros racistas. Colocações como “negro é tudo igual, dê dinheiro, mas não dê liberdade a um negro”, entre outras, o que muitos consideram como uma conduta racista pode ser apenas a reprodução de uma violência sofrida durante anos, fazendo com que se perpetuem estes pensamentos.

As piadas e histórias com sentidos racistas podem aparecer até nas famílias negras, colocadas em forma de “brincadeira”. Essa manifestação não pode ser compreendida como a difusão de uma ação racista, pois são pessoas negras falando para outras. E como opressão é um sistema de poder, pessoas negras não podem ser racistas, apenas reproduzir padrões do racismo. Contudo, a pesquisadora Conceição Chagas acredita que estas falas podem corroborar com os pensamentos de uma supremacia branca.

Os chavões, piadas e histórias com conotações racistas são repetidas nas famílias, mesmo nas negras, como também críticas feitas ao comportamento de pessoas negras acompanhadas do refrão “isso é coisa de negro”, são aliados ao posicionamento subliminar da sociedade discriminatória, uma fonte poderosa de formar no seio das famílias condições para a facilitação de introjeções sobre supremacia e supervalorização da raça branca (CHAGAS, 1996, p.35).

Com isso, retomamos a discussão da importância da família na conscientização e formação para a consciência racial. No capítulo “*Tempos escolares*”, do livro *A cor da ternura* (1992), podemos observar como a mãe da protagonista fala sobre a diferença que existe no tratamento entre uma pessoa branca e outra negra, quando questionada pela menina Geni sobre a forma de vestir-se para ir à escola.

- Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – perguntei.
- Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela.
- Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e...
- Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase. (GUIMARÃES, 1992, p.48).

Embora para a mãe de Geni esta afirmação explicasse tudo, para a menina em seu processo de formação, as coisas não são tão óbvias. Ela não compreende o porquê de sua colega branca poder ir para a escola sem se preocupar com a aparência, enquanto ela precisa utilizar a sua melhor roupa para não ser castigada. Geni ainda não tem consciência da desigualdade racial que privilegia pessoas brancas, ao mesmo tempo em que, inferioriza pessoas negras como ela.

Na pesquisa realizada por Eliane Cavalleiro (2020), sobre o racismo presente nas escolas e como a família pode ajudar a combatê-lo, quando ela questiona duas mães, uma negra e outra branca, sobre a existência de práticas racistas entre crianças menores de dez anos, observamos que as duas mulheres, embora de raças diferentes, chegaram ao mesmo ponto de vista:

Contradizendo aqueles que tentam minimizar a questão, argumentando que crianças nessa faixa etária não possuem conhecimentos que remetem à situação da discriminação, Roseli, uma mãe negra, afirma: “As crianças possuem conhecimento sobre as diferenças étnicas e às vezes chegam a ser maldosas. (CAVALLEIRO, 2020, p.88).

Esta afirmação feita por uma mãe negra coloca em xeque os “apelidos” que muitas vezes julgamos ser inofensivos por se tratar de um amigo. Não podemos considerar brincadeira ou “bullying” expressões violentas e racistas como: “macaco”, “piche”, “preta fedida”, “cabelo de Bombril”. A percepção de que crianças podem ser racistas é compartilhada pela mãe negra e também pela mãe branca. Ao responder a pesquisadora sobre a temática do racismo na infância, Lourdes, uma mulher branca, confirma: “Eu acho que elas possuem sim, porque a criança já cresce com aquela coisa na cabeça. O preconceito está lá, né?” (CAVALLEIRO, 2020, p.89).

De acordo com essas afirmações, podemos entender que o racismo e o preconceito estão identificados, as famílias sabem que existe. Contudo, justificam a falta de diálogo pelo motivo de que as crianças não falam sobre o assunto, no entanto, podemos pensar na seguinte pergunta: só falaremos de racismo se as crianças perguntarem ou relatarem algum ato acontecido com elas? Cavalleiro (2020, p.94) ainda diz em sua pesquisa que “algumas famílias negras justificam seu silêncio pelo das próprias crianças. O fato de elas não revelarem a existência de conflitos é sinal evidente da ausência do problema”.

Não falar sobre um problema não quer dizer que ele não existe. Quando a família deixa de dialogar sobre um tema tão complexo quanto o racismo, deixa margem para que pessoas de fora do espaço de proteção familiar falem sobre o tema de maneira descontextualizada, que não condizem com o que os pais queiram para seus filhos. E o que pode ser ainda mais grave é a criança ser vítima da violência racista e não saber o porquê da agressão e nem como se defender. O que se configura em um delicado problema.

2.2 Racismo na escola: a violência institucionalizada

*O professor mandou a prova para a
minha amiga, em casa, e para mim não.
Porque sou negra.
(Eliane Cavalleiro)*

O racismo dentro do ambiente escolar pode prejudicar os alunos em mais de uma forma. Quando um professor vê um caso de violência racial em sua sala ou dentro da escola, e não toma nenhuma atitude sobre o assunto, consequentemente, facilita novos casos de racismo. Nessa perspectiva, Cavalleiro (2020) aponta:

[...] minha experiência mostrou que o silêncio do professor facilita novas ocorrências, reforçando inadvertidamente a legitimidade de procedimentos preconceituosos e discriminatórios no espaço escolar e, com base neste, para outros âmbitos sociais (CAVALLEIRO, 2020, p.10).

A partir do momento em que vários casos de discriminação racial acontecem e, para a criança negra, não existem profissionais dentro da escola que possam tomar alguma atitude sobre o assunto, em sua mente começa a se formar barreiras cada vez maiores e o silêncio da criança violada se torna uma redoma delimitadora e sufocante, pois os adultos que tinham conhecimento do caso preferiram não tomar nenhuma atitude.

A falta de diálogo sobre o racismo nas escolas permite que tanto as crianças quanto os adultos tenham atitudes racistas e passem impunes, pois o aluno negro não sabe como reportar o ocorrido ou a quem falar. O silêncio das escolas também pode impedir uma boa relação entre as crianças de etnias diferente, como colocado por Cavalleiro (2020)

Não seria demasiado supor que a ausência desse tema no planejamento escolar impede a promoção de boas relações étnicas. O silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais favorece que se entenda a diferença como desigualdade e os negros como sinônimos de desigual inferior (CAVALLEIRO, 2020 p.20)

É necessário que no momento da formação do planejamento escolar, os professores, diretores, orientadores pedagógicos, coloquem em pauta a abordagem do racismo, para que os alunos se conscientizem sobre esse crime, e para que as escolas, de fato, respeitem a lei 10.639/03 e 11.645/08.¹

Estimular uma educação que entenda os diferentes tipos de etnias, proporcionaria um novo tipo de sujeito, e, assim, uma sociedade sem preconceito. Como afirma Cavalleiro (2020): “Promover uma educação para o entendimento das diferenças étnicas, livre de preconceito, representa uma possibilidade real da formação de sujeitos menos preconceituosos nas novas gerações” (CAVALHEIRO, 2020, p.38).

As escolas e professores precisam entender o seu papel contra o racismo. Muitos alunos não possuem um diálogo aberto em suas famílias, e muitas vezes é somente na escola que se pode começar a desconstrução de pensamentos racistas, e quando dentro das escolas não existe um espaço para esse debate, abre-se uma margem para que muitas crianças cresçam com pensamentos e atitudes racistas. Na percepção de Eliane Cavalleiro “a dificuldade apresentada pelas professoras em compreender a escola como um espaço onde o problema étnico também está presente pode representar um reforço para a manutenção do preconceito” (CAVALLEIRO, 2020, p.51).

É preciso que os/as professores/as reconheçam que a mudança na forma de ensinar necessita acontecer, e isso não somente nas escolas do ensino básico. De acordo com a teórica, escritora, professora e ativista, bell hooks, no seu livro *Ensinando a transgredir* (2017):

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores – em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade –,

¹ A lei 10.645/08 modifica a lei 10.639/03 para que se torne obrigatório a inclusão no currículo oficial da rede de ensino temáticas da “História e cultura Afro-brasileira e Indígena”

temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. (HOOKS, 2017, p. 51)

Considerando que em nossa formação profissional tenhamos contato com uma nova forma de ensinar, por que quando chegamos às salas de aula é tão difícil colocar em prática? Embora tenhamos professoras, diretoras, secretárias que se empenham em desenvolver uma educação inclusiva e antirracista, o sistema em que a escola está inserida há anos torna complicado exercer mudanças. Precisamos dar aos nossos estudantes, um novo formato de educação, “podemos dar aos alunos o que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação verdadeiramente libertadora” (HOOKS, 2017, p.63).

2.3 A cor da ternura e a violência racista no espaço público

Na história do livro *A cor da ternura* (1992) em diversos momentos a narradora denuncia situações racistas. Neste tópico, apresentaremos em ordem cronológica três momentos marcantes da narrativa nos quais a personagem Geni é vítima de racismo em ambientes públicos, sendo a escola um desses espaços.

O primeiro evento de racismo sofrido pela protagonista está no capítulo intitulado “Viagem”. Em uma brincadeira de balançar com outras crianças, a personagem Geni entra em um acordo com a colega Neide “– Quem deixar eu balançar hoje as minhas vinte e as vinte dele, amanhã, depois e depois balance todas as minhas. Fico três dias sem balançar, e quem topar balance um montão.” (GUIMARÃES, 1992, p.43). Com o acordo feito entre as duas, ficou combinado que Geni balançaria quarenta vezes, porém, enquanto estava balançando, a menina Geni começou a fazer uma viagem pelo mundo da imaginação e se distraiu. Nessa distração, ela ultrapassou o número de vezes que deveria se balançar, sendo agredida de maneira enfática pela “amiga”, que profere contra a protagonista da obra vários xingamentos racistas:

Ladrona! Você deu vinte, mais vinte, mais uma. Boneca de piche, cabelo de bom-bril! Pode ir embora! – era a Neide cobrando meu desrespeito ao trato. Todos começaram a me xingar impiedosamente, exigindo que eu me retirasse. Pus-me a chorar desesperadamente. Boneca de piche, cabelo de bom-bril eram ofensas de rotina. Tudo bem. Mas e o mar esperando de boca escancarada? E as palavras suspensas na garganta do mestre? (GUIMARÃES, 1992, p. 45-46).

As ofensas colocadas por Neide, sua colega de infância, para Geni eram consideradas como rotineiras, ela demonstra já estar acostumada com as agressões. Aparentemente, Geni não dá tanta importância aos xingamentos, pois considerava Neide como sua amiga.

A segunda agressão racista que vitimou a personagem Geni ocorreu na escola. Durante um evento organizado pela professora de Geni e o diretor da escola em que ela estudava, após a menina apresentar uns versos que escreveu em homenagem à princesa Isabel, a professora bem impressionada com os versos escritos pela aluna resolve chamá-la para participar da homenagem à “princesa que salvou os escravizados”. Pouco tempo depois, a professora começa a ministrar uma aula sobre a “abolição dos escravos”:

– Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos trocos e espancados às vezes até a morte. (GUIMARÃES, 1992, p.65)

As palavras ditas pela professora violentaram não só o corpo da personagem Geni, mas a sua alma. Causou uma ferida tão profunda que a criança não aceita mais a sua raça, pois os seus ancestrais, conforme a versão da professora, “eram bobos, covardes, imbecis [...] Não reagiram aos castigos, não se defendiam, ao menos.” (GUIMARÃES, 1992, p.65).

A versão distorcida da história dos africanos escravizados contada pela professora, colocando os negros em uma posição de inferioridade e subserviência, fere profundamente a menina Geni. Talvez de maneira inconsciente, a professora branca reproduz uma história que violenta a aluna negra. No caso específico, o racismo praticado é institucional. O espaço escolar que teoricamente deveria passar conhecimentos que fortalecessem a autoestima dos estudantes é o grande responsável por propagar um conhecimento que provoca um profundo sentimento de humilhação na aluna. A partir desse episódio, Geni passa a ter vergonha de seus traços e de sua origem, numa tentativa desesperada de amenizar a dor de ser quem é, ao chegar em casa, a personagem pratica uma violência contra ela própria.

O terceiro momento da narrativa no qual a personagem Geni é vítima de violência no espaço público, o autor da violência é o patrão do pai de Geni. Esse episódio é narrado no capítulo “Alicerce”. Numa conversa entre o pai de Geni e o patrão, ao questionar o porquê do funcionário manter a filha na escola, o homem profere a seguinte frase: “- Não tenho nada

com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira.” (GUIMARÃES, 1992, p.73).

Com este comentário podemos supor que existe um local em que o negro é aceitável e em outros que não. Remetendo ao período da escravidão em que os negros trabalhavam na lavoura e que por terem sido obrigados a trabalhar naquela época nesse serviço, para algumas pessoas, esse é o único local que ainda lhes convém.

A segunda colocação sobre está fala é com relação a educação, supondo que não existe um motivo para educar os filhos já que eles vão embora e não se pode fazer nada sobre isso. Embora para uma pessoa que vem de uma família negra e pobre, normalmente, a única chance de crescer na vida é através da educação.

As reflexões apresentadas nos convidam a pensar sobre a violência do racismo nos diferentes espaços que as pessoas negras transitam. Nesse sentido, ao analisarmos a trajetória da personagem Geni: na brincadeira com os amigos, na escola, na propriedade rural onde vivia com os pais, observamos que a protagonista de *A cor da ternura*, assim como nós, pessoas negras, estamos sempre sujeitas a sermos vítimas da violência racista, não importa o local em que estamos.

CAPÍTULO III
METAMORFOSES

3.1 A dor de ser aquilo que se é

*“Quando dei por mim, a classe inteira me
olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a
única pessoa da classe representando uma
raça digna de compaixão, desprezo!”
(GUIMARÃES, 1992, p.65)*

A epígrafe acima evidencia um retrato da nossa educação. Ao falarmos em conhecimento, figura-se, comumente, o exemplo da educação formal, presa aos muros de uma escola, pois a cultura oral durante muito tempo foi deixada de lado. A história, nas instituições de ensino, é passada em uma perspectiva de um povo colonizador, muitas vezes menosprezando os conhecimentos que os mais velhos contam para as crianças. No livro *A cor da ternura* (1992), quando a Vó Rosária conta a sua versão da história, a personagem Geni chega na escola e se depara com uma versão diferente, configurando na ficção esse espectro da realidade, tangente ao racismo e ao silenciamento histórico.

E só com um risco que fez no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. Uns saíram dançando e cantando. Outros, aleijados por algum sinhô que não foi obedecido, só cantavam. Também bebida teve a rodo, pra quem gostasse e quisesse. (GUIMARÃES, 1992, p.49)

Essa história contada por Vó Rosária, durante muito tempo, fez com que a personagem sentisse orgulho dos seus, e um amor tão grande pela princesa Isabel que a colocou em intenção nas orações, além de escrever um poema em sua homenagem.

O capítulo seis do livro, intitulado “Metamorfose”, apresenta o racismo de forma mais crua e a violência auto infligida. Logo no início, a protagonista relata que no seu segundo ano de escola ela andava com um poema na bolsa que não tinha coragem de mostrar a professora com os seguintes versos:

Foi boa para us escravos,
E parecia um mel,
Acho que é irmã de Deus,
Viva a Princesa Isabel. (GUIMARÃES, 1992, p.58)

No seguinte dia, revestida de coragem, Geni apresentou o poema a professora enquanto ela passava por sua mesa. A atitude da professora ao ler o poema foi deixando-a nervosa: “Pegou a caneta, riscou qualquer coisa por sobre meus versos e mandou o Pedro chamar o diretor” (GUIMARÃES, 1992, p.58). Embora o diretor e a professora tenham parabenizando-a por suas habilidades poéticas, nada lhe foi dito sobre o que estava escrito.

Bem impressionados com o poema escrito por Geni, a professora e o diretor que estavam organizando um evento em homenagem à Princesa Isabel, convidaram a menina para recitar o poema que havia feito. Geni fica radiante com o convite e se sente muito importante em poder participar da homenagem à “princesa tão generosa”. No entanto, logo a seguir, a professora começa a contar uma versão da história sobre os escravizados que era totalmente contrária à história contada pela Vó Rosária. A história contada na escola, considerada oficial, colocava os negros em um espaço de humilhação e resignação com a escravidão, totalmente diferente da alegria e altivez dos negros que apareciam na história de Vó Rosária. Essa contradição entre o discurso da professora e o da Vó provoca uma grande angústia na personagem.

– Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Que eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos trocos e espancados às vezes até a morte. [...] Vi que a narrativa da professora, não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles escravos da Vó Rosária eram bons, simples, humanos, religiosos. Esses apresentados então eram bobos, covardes, imbecis. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa dali representando uma raça digna de compaixão, desprezo. Quis sumir, evaporar, não pude. (GUIMARÃES, 1992, p.65)

O discurso da professora desperta múltiplos sentimento em Geni: indignação, raiva, frustração, humilhação. No processo de angústia, Geni sente raiva dos seus antepassados que, de acordo com o discurso da professora, tinham aceitado passivamente a escravidão. Esse episódio é o marco inicial para que a protagonista comece o seu processo de negação. A sua cor azeviche que para ela era um sinônimo de orgulho, a partir do relato equivocado da professora torna-se sinônimo de vergonha. Esse misto de sentimentos que perseguem a menina Geni chega ao ápice quando ela chega em casa e, num ato de desespero, tenta tirar o negro da pele, para amenizar a dor de ser descendente de um povo que para ela significava vergonha.

Até então, as mulheres da zona rural não conheciam “as mil e uma utilidades do bombril” e, para fazerem brilhar os alumínio, elas trituravam tijolos e com o pó faziam a limpeza dos utensílios. A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparo e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo. Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga e a perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. (GUIMARÃES, 1992, p.69)

A violência que marca a sua pele, feita por ela mesma, é uma tentativa da protagonista do texto arrancar do seu corpo a memória e a ancestralidade que ela não queria aceitar, pois na escola aprendera uma história de negros escravizados e passíveis que não lutaram por sua liberdade. Esse episódio leva a personagem, durante um tempo, a ter vergonha de sua cor. Em consonância com essa abordagem do conto, o psicanalista Jurandir Freire Costa, no prefácio do livro *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza (1983) afirma que:

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultante da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro. (COSTA, 1983, p.2)

Embora a menina Geni não tivesse conhecimento, na época, sobre o que era o racismo, ela podia sentir que algo estava errado: “Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria?” (GUIMARÃES, 1992, p.67). As feridas abertas em Geni, depois da fatídica aula, foram tão profundas que transpassaram à sua alma, deixando uma marca aberta na subjetividade da protagonista que com o tempo iria ser curada.

A protagonista Geni, no decorrer da história, passa por uma metamorfose, uma transformação em sua vida: o processo de tornar-se negra. Para a personagem, este processo tem início ainda em sua infância, ela primeiramente sente orgulho de sua cor “vou ficar com esta tinta mesmo” (GUIMARÃES, 19926, p.10). Neste primeiro momento com o apoio de sua família, ela se sente igual. Após, nos deparamos com a sua fase de negação, quando, por causa do racismo sofrido na escola, ela decide rasgar a cor da sua pele, passando o pó de tijolos triturados, por sentir vergonha de sua cor, de sua raça, das suas origens.

Por último, a personagem passa pelo significativo processo de autoafirmação, aceitando-se como uma mulher intelectual negra. Possuindo a si mesma e sua identidade,

Geni. Sua luta ganha outros contornos quando ela constata que não poderia ser diferente do que era: uma mulher negra, bonita, emancipada, uma negra mulher orgulhosa de suas origens e suas raízes. No seu estudo que aborda a subjetividade negra, a psicanalista Neusa Santos Souza (1983) diz:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienada. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1983, p.18)

Podemos identificar a presença de todas essas fases no livro da Geni Guimarães, acompanhamos todos os processos que Geni precisou passar para que pudesse auto afirmar-se como uma mulher negra.

Foi necessário que a protagonista passasse por dois momentos de violência extrema, um praticado na sala de aula, quando a professora conta para todos os alunos uma versão estereotipada da história dos negros, e outra praticada por ela mesma. A violência, que embora em sua pele tenha permanecido apenas uma semana, havia permanecido em sua alma “Dentro de uma semana, na pele só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens.” (GUIMARÃES, 1992, p.69)

Pensemos, pois, em como a personagem precisa que seja feita justiça, porém o quanto é difícil conseguir. O racismo é presenciado até os dias atuais, como, então, podemos falar que existe justiça para o racismo infligido contra o povo negro? Durante o ano de 2020, testemunhamos diversas atrocidades ao corpo negro, a exemplo de George Floyd, homem negro, morto no dia 25/05/2020 em plenas ruas de Minnesota, nos Estados Unidos. Presenciamos a morte de João Alberto Ferreira, assassinado de maneira brutal pelos seguranças do Supermercado *Carrefour*, na cidade de Porto Alegre, no dia 19 de novembro de 2020, um dia anterior à comemoração do Dia da Consciência Negra.

Ambos os casos chocaram a sociedade, provocando muitas manifestações e protestos. Além do assassinato brutal de dois homens negros, que morreram sufocados por policiais brancos que deveriam protegê-los, as duas tragédias nos incitam vários questionamentos indignados: Como poderemos esperar/buscar por justiça, quando aqueles que deveriam nos proteger estão nos matando? Não existe, ainda, justiça quando estamos falando do ataque de um branco ao povo negro, por isso, faz-se necessário lutar diariamente contra o racismo

3.2 O Sangue da transformação

*Fui chamada para receber o certificado.
Eles, meus pais, não se puseram conter
só com as palmas. Levantaram e me
aplaudiram em pé. Mãos abertas,
barulhentas, livres.
Geni Guimarães*

Para a personagem Geni, nos dois momentos em que ela sente orgulho de sua raça, a família está envolvida. O primeiro momento é com a sua mãe, quando, ainda na infância, ela sente um apego muito forte e uma admiração profunda por sua progenitora.

Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la.
O dia todo arrastava os chinelos pela casa. Ia e vinha.
Eu também ia, eu também vinha.
Quando me pegava no flagra, bebendo seus gestos, emboçava um riso calmo, curto. Meu coração saltava feliz dentro do peito.
Eu baixava a cabeça e fechava os olhos. Revivia o riso dela mil vezes e à noite deitava-me mais cedo para pensar no doce cheiro de terra e mãe.
(GUIMARÃES, 2020, p.13)

O sentimento de adoração pela mãe, presente na primeira fase da vida da menina Geni, é marcado pela presença da mãe da narradora como seu principal alicerce, a base fundamental no processo de aceitação de sua cor.

No segundo momento de sua existência, podemos encontrar a figura do pai como o marco para a luta da personagem contra o racismo. De fundamental importância, a figura paterna, neste momento, vai mostrar o quão orgulhoso um pai pode estar por uma filha, e ela retribui todo o sacrifício feito pelos pais para a sua formação, não só enquanto acadêmica, mas, sobretudo, na sua formação/transformação de menina insegura para uma mulher resiliente, orgulhosa de suas origens negras e pronta para encarar todos os desafios.

A presença do pai na história de Geni foi de fundamental importância para a escolha de sua profissão:

- Pai, o que mulher pode estudar?
- Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho.
- Vou ser professora. – falei num sopro.
- Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. – Olhou-me com ar de consolo. – Bem que inteligência não te falta.
- É, pai. Eu vou ser professora. (GUIMARÃES, 1992, p.72)

Embora a dureza do trabalho na lavoura tenha marcado a vida da família, era um pensamento de esperança para Geni, que nutria em si o desejo de tornar-se professora. Vinda de uma família negra, pobre e sendo uma mulher, o momento de maior superação da personagem é no dia de sua formatura. O capítulo de *A cor da ternura*, intitulado, “Momento cristalino”, descreve o orgulho da família de Geni no momento de sua formatura. Mesmo com pouco dinheiro, todos os familiares da protagonista se sacrificaram para prestigiar um momento tão significativo na vida de todos eles. De acordo com a personagem Geni, “em casa conversamos e decidimos que todos da família estariam presentes. Discutimos o ter que calçar e vestir todo mundo adequadamente, como exigia a ocasião” (GUIMARÃES, 1992, p.82).

O lugar da família de Geni, em sua vida, desde o início do livro, é colocado como sua base. O seu pai, que, como a narradora fala, esteve “ao lado da minha mãe, estava pleno, altivo, sereno. Com os olhos, acompanhava todos os meus movimentos, engolindo salivas de prazer” (GUIMARÃES, 1992, p.83). Portanto, marcada como um evento que vai além de uma simples entrega de um diploma, a formatura da protagonista é um ato de resistência de um povo ainda marcado pela violência racista. Geni é a esperança de uma raça que é violentada há muitos séculos.

Precisamos colocar em questão que a protagonista de *A cor da ternura* passar por uma transformação antes de sua formatura. Ela deixa de ser uma menina e torna-se uma mulher. Porém, qual o significado desse processo para a protagonista? Durante muito tempo era colocado que a menina ao ter sua primeira menstruação não poderia fazer mais nada de criança, pois a partir daí se tornou uma mulher. A protagonista Geni passou por esse processo. “– Menina exagerada, credo! Agora acabou a brincadeira. Você não pode mais ficar brincando com os moleques e sentar com a perna que nem leque. Não é mais criança. Tem que tomar modos de gente.” (GUIMARÃES, 1992, p.81)

O capítulo de onde o trecho acima foi extraído é intitulado “Mulher”. Nele, vamos descobrindo o processo de transformação da menina Geni para a mulher Geni. A protagonista começa a perceber essa metamorfose com o crescimento dos seios, no qual, em um primeiro momento o seu pensamento é o pior, pois não tinha conhecimento de como era o corpo de uma mulher, mesmo vendo a sua mãe e irmãs. “– Mãe, nasceu um carocinho aqui. Será que é cabeça-de-prego? Todo dia dá umas pontadinhas...” (GUIMARÃES, 1992, p.76). A falta de explicação sobre o crescimento dos seios e o seu aumento contínuo faz com que Geni tenha

muitos receios: “Mas os dias foram passando e a dita-cuja bolinha, em vez de sumir, crescia e doía cada vez mais. Voltei às antigas preocupações” (GUIMARÃES, 1992, p.76).

Logo após o episódio do crescimento dos seios, passamos pelo momento em que chega a primeira menstruação da protagonista. Passando por fortes dores/cólicas, a protagonista sem saber sobre o porquê de tais dores, começa a pensar que algo de muito ruim estaria acontecendo com ela.

[...] Dias depois, em plena aula de Matemática, comecei a sentir umas dores esquisitas na barriga. Foram aumentando, e quando vi que não aguentava mais falei com a diretoria e pedi para ir para casa. Minha mãe saberia fazer algum chá para acabar com aquela dor. (GUIMARÃES, 1992, p.78)

O choque da primeira menstruação para a protagonista marcou o fim da sua infância dentro da família. Ela se tornou uma mulher, mas com ela fica o questionamento, o que é ser uma mulher? “Ia-se minha criança, deixando-me abobalhada e sonsa, sem tempo de mais um brincar de roda, mais uma viagem no balanço. Fiquei ali de boca aberta. Mulher, como me contaram. Apenas” (GUIMARÃES, 1992, p.81).

Ainda pensando nas muitas metamorfoses vivenciadas pela personagem Geni, no capítulo “Mulher” esse processo é narrador de forma profunda e memorável. Uma narração que revela ao leitor que ao passar por uma metamorfose dolorosa, Geni transforma-se numa admirável “Borboleta Negra”:

Mulher, terminando o ginásio.
Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.
Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.
Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.
Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.
Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel.
(GUIMARÃES, 1992, p.81).

Ser mulher é muito mais de que um gênero. Tornamo-nos mulheres todos os dias, com as nossas batalhas contra o machismo, a luta contra o feminicídio, a luta contra o racismo e todas as formas de discriminação. Combates diários que parecem nunca ter fim.

3.3 A missão da Professora Geni

*“Sou, desde ontem da minha infância,
bagagem esfolada, curando feridas no
arquitetar conteúdo para o cofre dos
redutos.”*

Geni Guimarães

O último capítulo do livro chamado *Força flutuante* destaca o papel da protagonista na sociedade. Depois da sua formatura, a mulher Geni consegue o seu primeiro emprego em uma escola. No primeiro dia de aula, uma das alunas se recusou a entrar na sala, pois tinha medo de “professora preta”.

Só uma menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aula.

– Eu tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples e puramente.
(GUIMARÃES, 1992, p.87).

A protagonista não se deixa abalar pela fala da criança, conversa com ela e consegue convencê-la a entrar na sala. Esse é um dos muitos desafios que a personagem Geni e tantas outras mulheres negras vão enfrentar em sua vida profissional, especialmente, quando ocupam lugares de poder. Durante muito tempo a falta de professoras/es negras em sala de aula fez com que muitas crianças, por não terem esse contato, sentissem certo estranhamento ao terem contato com esses corpos. Na atualidade, o número de professoras negras, em todos os níveis de ensino, ainda é muito pequeno se comparada ao número de professoras brancas. A ocupação desses lugares de poder é extremamente significativa como um movimento político de ressignificação dos espaços, ao mesmo tempo em que, um corpo negro feminino ocupando a docência é extremamente representativo.

De acordo com bell hooks (2017), o ato de ensinar é principalmente político, pois trata-se de uma luta antirracista. A autora relata que no período em que estudou em uma escola voltada para negros, o aprendizado era uma revolução.

Para uma pessoa negra, a necessidade constante de provar o seu valor é um fardo pesado de carregar. Muitas vezes, a cobrança é tanta que desacreditam de si próprias. A personagem Geni, depois de tanto calejar, enfrenta de cabeça erguida mais esse desafio: “Vi, então, que era muito pouco tempo para provar a tão nova gente igualdade, competência. Mas algum jeito deveria existir” (GUIMARÃES, 1992, p.89).

Para a protagonista de *A cor da ternura*, ao assumir o papel de professora, assume também a missão de ressignificar o ensino e não repetir os mesmos erros que alguns professores, como a professora que contou a história equivocada dos escravizados cometeu. Como professora, Geni busca criar uma relação com os seus alunos, para que eles não passem por humilhações semelhantes ao que ela em seu tempo de escola. “Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonias. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras” GUIMARÃES (1997, p.93).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no processo de escrita deste trabalho me fez pensar como a educação nos meus tempos de escola foi falha. Embora a aprovação da Lei 10.639/03 tenha tornado obrigatório o ensino de história, cultura e literaturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula das escolas públicas e particular, durante muito tempo essa lei não foi aplicada. E ainda hoje não é respeitada na maioria das instituições. Nas escolas em que estudei, todas elas escolas públicas, nenhum/a professor/a ensinou história africana ou afro-brasileira. Assim como não era discutido o racismo em sala de aula.

Durante boa parte da minha vida, eu não me considerei negra, pois faltou informação, tanto dentro de casa quanto na escola. A leitura do livro *A cor da ternura* foi fundamental para o processo de descoberta e afirmação da minha negritude. Me identifiquei em vários momentos com a história de Geni. Muitas coisas que são faladas no livro também aconteceram comigo e dentro da minha família.

Quando a protagonista Geni é chamada de “cabelo de Bombril” me veio à mente a lembrança de quantas vezes também já fui chamada assim. Durante anos, passei pelo processo de alisar os meus cabelos por ter vergonha da textura do meu cabelo natural. Quando somos crianças, as palavras machucam de uma forma inimaginável, pois não conhecemos direito o que está acontecendo, só conseguimos pensar na dor, o quanto as palavras podem machucar. Em uma família que é formada por pessoas negras de pele escura e a minha cor é a mais clara, nunca senti pertencimento a uma raça, pois pensava que era branca demais para ser negra e negra demais para ser branca. A falta desse pertencimento fez com que durante muito tempo, não reconhecesse meu pertencimento racial.

Faço parte de um grupo que precisa de formação sobre raça, o que muitas vezes não existe nas escolas, único local onde a maioria das crianças pode ter acesso a essas informações. É preciso mudar essa realidade. As escolas precisam ter um espaço em seu planejamento escolar para ser discutido questões raciais e o racismo, pois, muitas vezes, dentro do âmbito familiar pode ocorrer um *déficit* de diálogo sobre racismo e outras questões sobre raça.

No decorrer do livro *A cor da ternura* podemos observar que a protagonista Geni vai passar por um doloroso processo de afirmação racial, sendo a família o seu espaço de afeto e acolhida, o seu alicerce; enquanto a escola aparece como o local onde a personagem sofre as maiores violências raciais, chegando a um limite extremo onde ela nega a si mesma e se

violenta numa tentativa desesperada de mudar de cor. Geni tenta não ser aquilo que é. Esse doloroso processo vai contribuir para que a personagem afirme a sua identidade negra e ganhe cada vez mais consciência do seu pertencimento racial. Depois de passar por muitas violências, Geni escolhe se tornar professora para realizar o sonho do pai e, principalmente, para reescrever a sua história e ajudar os seus futuros alunos a construírem novas narrativas de si. Geni escolhe ser professora para ensinar de maneira diferente da educação opressora que teve. A professora Geni sabia que podia fazer diferença na vida dos seus alunos. Ela sabia que o caminho não seria fácil, mas sabia ser esse o caminho certo.

As escolas precisam de mais professoras como Geni, professoras que se preocupem não só com o aprendizado de seus alunos, mas também com a sua formação enquanto seres humanos que respeitam as diferenças e contribuam para a construção de uma sociedade melhor. Precisamos lutar por uma sociedade justa e pelo fim do racismo. Precisamos eliminar o pensamento racista que associa os homens negros a bandidos e às mulheres negras a empregadas domésticas.

Muito mais do que um trabalho de conclusão de curso que me trará um diploma, esse trabalho me ensinou coisas que não aprendi no decorrer de toda uma vida. Lendo *A cor da ternura*, lendo os textos teóricos e conversando com a minha orientadora, descobri que muitas vezes fui vítima de racismo, mas não tinha consciência disso, pois não me considerava uma mulher negra. As palavras usadas contra meu corpo, meu cabelo, meu nariz, meu rosto era racismo. Uma violência, muitas vezes, praticada por pessoas próximas, inclusive, pessoas da minha própria família.

As informações que adquiri ao longo dessa pesquisa fizeram de mim uma mulher consciente das minhas origens e orgulhosa das minhas raízes. Assim como Geni, quero me tornar professora para ensinar aos meus alunos a se amarem como são.

Escrever este trabalho foi entender e lutar uma batalha que eu não achava que era minha. Poder conscientizar as pessoas que o racismo é um combate para todos, inclusive para mim, abriu minha mente para defender os ideais que meus ancestrais sempre lutaram.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. A literatura negra no Brasil: pensando a existência. **Revista da ABPN**, v. 1, n. 3, p. 181-189, nov. 2010 – fev. 2011.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.3, n.2, p.464 – 478, jan. 1995.

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico- raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: s.l, 2003.

CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira**. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura/ IMESP, 1987.

CAPUANO, Mariângela Monsiores Furtado. **A literatura brasileira na sala de aula**. ABRALIC, São Paulo, 2008.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

CHAGAS, C.C. das. **Negro: uma identidade em construção**. São Paulo: Vozes, 1996.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. ALEXANDRE, Marcos Antônio (org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (orgs.) **Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia crítica**. V.4, história, teoria, polêmica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

GUIIMARÃES, Geni. **A cor da ternura; ilustrações Saritah Barboza**. 7 ed. São Paulo: FTD, 1992.

MARIOSIA, Gilmaria Santos; REIS, Maria da Glória dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária, Londrina, v.8, p. 42-53, dez. 2011.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2016)**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais negras:** prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** 2^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.